

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

## Lisboa, 10 de janeiro

O *Diario* teve licença, ou dignou-se de fallar no *Espectro*. Verdade é que se referiu ao *Nacional* do Porto que nos copiou; mas isso mesmo no *Diario* é bom gosto—costuma beber do fino, e é por essa razão que o quer de torna viagem.

O *Diario* é um grande publicista constitucional: o proprio *Jornal dos Debates* o tem por um bom petisco, e nota a cada passo os erros de doutrina que nos seus discursos pululam, e que compromettem a realisa constitucional que parece querer e não sabe sustentar.

Mas é fé que o jornalista francez é quem se engana. Isto no *Diario* não é erro, é proposito—não proclama o despotismo por ignorancia, é de caso pensado e rixa velha.

A escola constitucional abstrahê da pessoa do rei em todas as suas considerações politicas: o ministerio e os partidos alli são tudo, o rei não é nada. A inviolabilidade não lhe é concedida sem esta condição.

Desde 6 de outubro inverteu-se esta ordem no nosso paiz, e o *Diario* prestou homenagem á verdade. A responsabilidade ministerial acabou, ninguem ouviu fallar senão no programma real, na vontade do rei, no commando do rei, nos cigarros que o rei distribuiu aos soldados como caixeiro de José Maria Eugenio, na carta burlesca ao Solla, nos fios que a rainha manda aos seus feridos, e nas cordas que faz para os pulsos dos prisioneiros. Ministerio e partido sumiu-se, e appareceram quatro figurinhas no paço diante das quaes se curvam as diversas ordens de eunuchos que servem aquelles sultões.

Assim o *Diario* horrorisa-se com o som da doutrina constitucional. Eis-aqui o que elle escreveu na sua folha de 8 do corrente:

«Ouvi o que disse o *Espectro* em um dos seus numeros, transcripto sem correctivo pelo

*Nacional* do Porto, em o numero 182 de 29 de dezembro—Horrorisae-vos, mas não o temais, —que é só *Espectro*.

«O throno da rainha só póde ser sustentado «pelos liberaes: a sua corôa é condicional, segundo a carta. A um throno despotico o direito de D. Miguel é melhor.»

«Eis-aqui a religião politica d'esse partido modelo de liberalismo. E quantos absurdos em tão poucas linhas, — quantos erros, — e quanto escandalo?»

Ouvi sim, ouvi povos, e ouvi reis. A corôa da rainha é condicional, segundo a carta. E é. Todas a são assim. Não ha senão o direito divino ou a soberania nacional. Nós não admittimos o primeiro, e a segunda, que a carta reconhece, firmou um contracto synallagmatico que se rompe quando uma das partes falta ás condições estipuladas.

A constituição é o modo de ser da sociedade. Estão ali consignados os direitos e deveres reciprocos de governantes e governados. Quando o rei rasga o seu titulo, os povos ficam desobrigados da obediencia, por que não juraram ser fieis senão ao rei constitucional.

A rainha jurou guardar a carta. Quando é prejura, commette um crime. Falta a Deus cujo nome invocou em vão, e aos homens a quem deu o exemplo da desobediencia.

O throno é posterior á sociedade—vimo-lo nascer—já o escrevemos e ainda o repetimos. Conhecemos essa familia que nossos braços elevaram. Já deu conspiradores para o cadafalso. E' menos nobre que muitos cavalheiros a quem persegue. Fomos nós que fizemos lei, não foi ella. Fomos nós que prescrevemos regras aos principes, não as acceitamos d'elles.

Assim o tenham entendido, porque são estes os nossos foros.

A que vem pois o principio heroico, blasfemo, despotico que o *Diario* proclama? E que significam as seguintes palavras?

«Condicional a corôa da rainha segundo a carta!! Em que artigo achou o *Espectro* a doutrina? A do art.º 5 não determina o direito dinastico;—esse direito já estava fixado nas leis da successão porque sempre se regeu o nosso paiz.

«Não são por tanto só os liberaes a quem cumpre mante-la n'esse direito: todos os que não forem republicanos ou miguelistas interessam em sustentar o principio da legitimidade da rainha, *sem relação alguma com systema politico porque o paiz se governa*; porque este jámais pôde prejudicar a natureza e indole da nossa organização social, sem uma subversão completa, que altere os direitos actualmente estabelecidos em Portugal, admittidos e garantidos pela Europa, que não reconhece a soberania popular dos anarchistas e demagogos.»

Eis-aqui o principio proclamado pela côrte de Lisboa!!!

Na carta não ha senão uma regra sagrada, imprescriptivel—a legitimidade de D. Maria!!!

E que importa que a carta diga que a rainha o é pela constituição da monarchia? Que importa que diga que a rainha não pôde suspender a constituição? Que importa que diga que o poder legislativo reside nos differentes poderes do estado? Que importa que diga que os representantes da nação são o rei e as côrtes geraes?

Não importa nada d'isso: o rei pôde destruir tudo, mas a sua legitimidade subsiste sempre, porque esta legitimidade não tem relação com o systema politico porque o paiz se rege!!!

Aonde se viu jurisprudencia mais barbara, interpretação mais estulta? E' destruir a substancia sem destruir o accidente.

Nós proclamamos a rainha constitucional—é essa a nossa organização. Apenas a rainha se proclama absoluta, o seu imperio cahiu; porque o seu throno era constitucional, e o despotico não o reconhecemos.

Combatemos D. Miguel porque se tornou despotico, porque rasgou a carta. Não o combateriamos se tivesses de substituir despotismo por despotismo. Que nos importava a princeza do Grã-Pará sem a carta? Para que haviamos de derramar o nosso sangue? Por uma instituição morre todo um povo, por uma pessoa não morre ninguem, ou morre algum miseravel escravo.

E se nos querem levar para as leis da successão, se nos querem citar a Europa, accetamos o argumento.

As leis da successão dizem que «se o rei de Portugal não tiver filho macho, e tiver uma filha, será esta rainha depois da morte do rei, com tanto que se case com um senhor portuguez. Que esta lei seja sempre observada, e que a filha mais velha do rei não tenha por marido senão um senhor portuguez, a fim de que os

«principes estrangeiros não se tornem senhores do reino.—Se a filha do rei casar com um principe ou senhor de uma nação estrangeira, não será ella reconhecida rainha, porque não queremos que os nossos povos sejam obrigados a obedecer a um rei que não tenha nascido portuguez.»

Ahi está o nosso direito antigo que o *Diario* cita. Se são essas as leis da successão, se a legitimidade da rainha não lhe provem da carta; se ella a pôde destruir, a sua legitimidade fica destruida—casou com um senhor estrangeiro, e não pôde reinar sobre nós.

Eis-ahi a conclusão que decorre do principio assentado pelo *Diario*. Não queremos é a nossa soberania.

D'aquella lei fundamental se vê que foi o povo que fundou a monarchia—que esse povo disse—queremos—e que reservou para si os casos de desthronar os reis.

O *Diario* concede ao rei o direito de revogar a carta. Pois então vigora o direito anterior a ella, e não obedecemos a senhor que não nascesse portuguez!

Mas a Europa que garante a legalidade da rainha? Sim a Europa! A Europa viu-a proscripta, e nem sequer a saudou. O Papa, que era um grande demagogo e anarchista, reconheceu D. Miguel; D. Fernando fez o mesmo; a Inglaterra tinha esse reconhecimento dependente só de uma amnistia!

E a Europa reconheceu a quêda de Carlos X e a elevação da monarchia das barricadas—reconheceu a dynastia de Isabel II que era contraria ás leis fundamentaes da monarchia. A Europa reconheceu a republica franceza, e o imperador Napoleão. A Europa reconhece todo o direito do mais forte, e os povos sympathisam com a causa da liberdade. A Europa reconhece todos os factos consummados.

E o *Diario* pergunta admirado porque nos rebellamos contra D. Miguel e contra os tres estados de 1828, se o direito d'elle era melhor!

O *Diario* tem razão! Os actuaes ministros sustentaram o direito de D. Miguel—Souza Azevedo, nos seus escriptos, Farinho nas suas acclamações, D. Manuel no seu governo! Que razões tem pois o *Diario* para contestar um direito que os ministros de hoje reconheceram?

Não nos rebellamos contra o tyranno, rebelamo-nos contra a tyrannia. Somos coherentes guerreando então D. Miguel, e guerreando hoje sua sobrinha, que segue as suas pisadas, que proclamou o seu systema. Desembarcámos com mão armada no Mindello, expulsámos do throno o principe que o occupava, porque esse principe se tinha declarado o flagello dos povos, porque tinha rasgado a carta, porque tinha entulhado as prisões, levado cidadãos aos cadafalsos, porque tinha suspendido as garantias, decretado sequestros, enfim porque perseguia

os liberaes. Se não se proclamasse absoluto ainda viviria em Portugal.

E hoje sua sobrinha faz o mesmo. E alguns (não o *Diario* que era miguelista) que então nos ajudaram a combater o despotismo de D. Miguel proclamam o de D. Maria. Foram miguelistas, e agora são mariquistas.

Aonde está pois o nosso erro? A tyrannia combate-se aonde ella está—não importa a pessoa que a exerce. D. Maria despotica para nós é mais hedionda que D. Miguel despotico.

Correm hoje diversas noticias na cidade, e todas contrarias ao governo.

Falla-se muito n'um choque entre as forças constitucionaes do conde das Antas e as do Saldanha na passagem do Vouga, aonde se diz que ficára derrotada a primeira brigada das forças absolutistas.

Diz-se que o Casal estava cercado em Braga pelas forças populares—ha tambem quem o dê derrotado.

Parece fóra de duvida que o Visconde de Sá saíra do Porto com uma divisão de tres mil homens.

O Saldanha manda pedir homens e dinheiro—homens para a guerra, dinheiro para elle. Foram-lhe mandados estes dias uns treze contos em notas. Fica Coimbra feliz, porque em troco dos seus generos recebe um papel que não val nada.

Hoje saiu d'esta cidade alguma força. O governo recebeu noticia que o incommoda.

Appareceu uma guerrilha junto a Torres Vedras. São os espectros das victimas que se levantam a pedir vingança. Partiram d'aqui uns 50 cavallos que talvez por lá fiquem se não poderem fugir.

Alcacer pronunciou-se, apenas a força de Shwalbach saiu d'ali. Os povos manifestam a sua opinião logo que as grandes forças deixam de os opprimir.

Conta-se que Valença está em nosso poder. Diz-se que as auctoridades de Vigo foram reprehendidas pelo seu governo em razão da protecção dada aos cabralistas, e que em consequencia d'isto não póde o governo conservar aquella praça, e que se espera ahi o commissario regio por não querer ir fazer companhia ao duque da Terceira.

Copiamos do *Nacional* do Porto a seguinte carta. E' um documento por onde se deve avaliar a moralidade das forças ministeriaes. Entregamos sem commentario a leitura de semelhante carta á consideração do paiz. Eil-a ahi:

«Braga 24 de dezembro.—Carta particular. —Na minha carta do correio proximo passado não lhe pude dizer o que pertendia relativamen-

te ao Casal e Mac-Donell; e lhe disse seriam 200 e tantos os mortos da gente de Mac-Donell; porém o estrago foi muito maior. No dia 19 ás trindades da noite chegou aqui a noticia do Casal chegar a Villa Nova de Famalicão. Mac-Donell tratou de se retirar no dia 20, porém o brigadeiro Victorino se oppoz dizendo que havia de resistir, Mac-Donell forçado annuiu; e então ás 11 horas do mesmo dia 20 principiaram a fazer-se trincheiras na rua dos Plames, Cruz da Pedra, e na Conega, contra a vontade de toda a cidade (o Casal bem o soube). Estas trincheiras se fizeram em menos de uma hora. Ainda não acabadas principiou o fogo na Cruz da Pedra, aqui houve grande resistencia de dentro. O Casal mandou atacar pelos dois lados, Plames e Conega. Por espaço d'uma hora a tropa do Casal rompeu na Cruz da Pedra; logo seguiu-se o mesmo na Conega, e em seguida nos Plames. Porém nos Plames tres vezes avançou a tropa do Casal; e tres vezes recuou, a ultima vez já com destino de ir por outra parte. Chegou então o Casal, animou a tropa e proseguiu no mesmo intento, e rompeu a trincheira. De todos os lados da cidade seguiu a tropa do Casal pelas ruas até o campo de Sant'Anna, ali estava o Mac-Donell e fugiu a 30 passos de distancia, esteve quasi agarrado, e foi acompanhado de 20 a 25 homens, tomando o caminho do Carvalho d'Este, e foi dormir ao pé da Povoa de Lanhoso no mesmo dia 20. No dia 21 partiu nas direcções da Senhora do Porto, parecendo ir para Penafiel, ou visinhanças. A tropa do Casal teve perto de 100 mortos e feridos. A gente de Mac-Donell nas ruas da cidade teve mortos, que se enterraram por ordem da Misericordia 312 homens, entrando n'este numero muita gente inerte que encontravam; finalmente não se deu quartel a ninguem que se encontrasse na rua, e ferido que ficasse se acabava de matar, á excepção de um official ferido que ficou preso por um acaso. Todos os mais prisioneiros se punham de joelhos com as mãos direitas que os não matassem, e entregando suas armas, eram mortos sem remedio, fossem pela infantaria, caçadores, cavallaria, ou por officiaes, não havia perdão. Acabada a acção houve grande roubo na cidade por toda a tropa, e com particularidade por caçadores 3, e infantaria 15, e finalmente quem melhor se portou, e que menos roubou foi infantaria 3. Os saqueadores diziam que se lhe tinha prometido 3 horas de saque na cidade. A cidade não tinha culpa, nem em nada se comprometteu.

«Este estado de rapina durou desde o dia 20 até 22 ás 10 horas da manhã. A's 11 houve revista do Casal; fez uma falla para não haver mais roubos, fazendo os officiaes responsaveis. O mesmo Casal valeu a algumas casas, é verdade, ainda que tarde, mas assim mesmo foi bom que não levaram tudo. N'esta parte está hoje isso melhor. Agora o que se vê é roubos

a vender pelos soldados, e o que é mais os officiaes a comprar os roubos aos soldados!! Tambem houveram varios officiaes que saquearam!... Tambem ha officiaes que lastimam esta sorte. Tudo se aboletou pelas casas, e continuam aos 3, 6, e 9 por cada casa, ao mesmo tempo que outras estão sem nenhum. Tudo a comer do que querem. No mesmo dia 22 ás 11 horas deu o Casal ordem para não estarem em cada casa mais de dois homens, cujas ordeus até hoje se não cumpriram: das duas uma: ou a tropa não obedece ao general, ou a ordem foi graciosa. Os soldados, e geralmente toda a tropa vende suas rações, e estão fazendo uma horrenda despeza aos patrões, dignos de melhor sorte.

«Quem não póde ter os aboletados em casa, tem-os nas estalagens a comer gallinhas e... etc., e vinho maduro; ou dar a cada um por dia 480, 960, e conforme se póde justar, e muitos pedem meia moeda por dia, e houve de mais ainda! de moeda, parece incrível. Nunca se viu tropa assim!!! Todo este povo está atterrorizado, e sem saber quando se verá livre d'esta praga. Os miguelistas respeitavam tudo, não roubaram real, aboletavam-se, e nada mais exi-

giam do que aquillo que se lhes dava, ou 80 réis por dia. Mac-Donell e seus sequazes exigiam uma contribuição, que não se lhes deu, e não só não violentaram, mas até desistiram.

«V. s.<sup>a</sup> sabe meus principios, sabe minha opinião, e então não sou suspeito, não sou miguelista, nem o posso ser ainda que tivesse esses desejos.....»

«Aqui ha soldados que teem bons cordões de ouro, brincos, peças d'ouro em moeda e prata; vendem córtes de vestidos de seda, pulseiras, roupas; e até um comprou 200\$000 réis em ouro, e ainda lhe ficou muita prata!... ao mesmo tempo que os habitantes da cidade choram pelo que se lhes roubou, dinheiro, trastes, roupas, etc., etc. Houveram pessoas que ficaram com o que tinham no corpo, levando em troca cronhada d'arma e mais desfeitas, e houve quem comprasse a honra de sua filha dando um faqueiro de prata, e a mãe da mesma deu os brincos d'ouro que lhe foram tirados das orelhas, rasgando-lhe uma d'ellas!

«Finalmente aindo não disse tudo, mas já não posso mais.....»